

DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA DOCENTE COMO FERRAMENTA PARA POTENCIALIZAR AS DIFERENÇAS DE GÊNERO

Eixo Temático ET 09 - Corpos, Gênero e Infâncias: Memórias, Lutas e Resistências na Educação Infantil

Michelle Gonçalves do Nascimento Faria ¹
Daniela Finco ²

RESUMO

Este relato de experiência reflete sobre a potencialidade dos registros pedagógicos com cenas de gênero vivenciadas por meninas e meninos de 4 e 5 anos na Educação Infantil em São Paulo. Destaca a intencionalidade educativa de colocar à disposição das crianças tempos, espaços e materiais que favoreçam provocações à imaginação e a dialogarem sobre as suas problematizações de gênero. Apresenta cenas onde podemos aprender com meninas e meninos as formas como constroem as suas identidades de gênero. Aponta para as potencialidades da busca docente por mudanças de posturas, revelando como as intenções pedagógicas são sofisticadas, quando elas possibilitam contextos lúdicos investigativos que potencializam experiências envolvendo a diversidade de gênero na infância.

Palavras-chave: Diversidade de gênero, Documentação pedagógica, Educação Infantil

INTRODUÇÃO

Este relato de experiência apresenta reflexões sobre a potencialidade dos registros pedagógicos, contendo cenas de gênero vivenciadas em uma Escola Municipal

¹Michelle Gonçalves do Nascimento Faria Mestranda na Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP, faria.michelle@unifesp.br

²Daniela Finco - Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP Professora associada na Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP, dfinco@unifesp.br

de Educação Infantil da cidade de São Paulo, com uma turma de crianças entre 4 e 5 anos. Destaca a importância de construir olhar docente atento para a construção de práticas educativas intencionais para a desconstrução dos preconceitos de gênero, ao assumir o importante papel na observação e registro, possibilitando posteriores reflexões sobre as experiências infantis. (FINCO, 2013, 2020; PIMENTA, 2017). Discute as possibilidades de construção de uma observação aprofundada revelada na disponibilidade para ouvir e buscar compreender o que as crianças têm a nos dizer (FONTAINE, 2017), direciona a uma postura profissional de quem deseja conhecer e valorizar as diferenças das crianças.

Desse modo, é possível reconhecer a instituição de Educação Infantil como um espaço potente de viver outras experiências, valores, regras e identidades de gênero, desde que encontrem adultas/os, atentos ao imprevisto, abertos para o inusitado, dispostos a conhecer às crianças como atores sociais. (FINCO, 2020). Um percurso que nos ajuda a reconhecer as crianças pequenas, meninas e meninos como sujeitos históricos, culturais e sociais, cujas existências são marcadas por diferentes modos de ser e criar. Importantes problematizações que emergiram dessas experiências dizem respeito ao desenvolvimento de um planejamento aberto que dialoga com os registros e com os questionamentos sobre as produções infantis. Com base nas imagens registradas, das cenas captadas pelas lentes da câmera e da professora-pesquisadora, elaboramos uma documentação pedagógica que nos ajuda a contestar os discursos dominantes (DAHLBERG, MOSS e PENCE, 2003).

Este trabalho destaca o processo de sensibilização e construção cotidiana do olhar docente, apresentando a documentação pedagógica como uma ferramenta para aguçar os sentidos para capturar as sutilezas de gênero, presentes no cotidiano educativo das crianças. Apresenta Cenas de Gênero, diálogos construídos a partir de registros fotográficos, representando as experiências e relações construídas por meninas e meninos, trazendo gênero como importante ferramenta analítica (SCOTT, 1995).

A documentação apresentada permite questionar sobre os lugares fixos nos quais meninas e meninos têm a permissão de transitar, indicando gênero “como um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e como uma forma primária de dar significado às relações de poder.” (SCOTT, 1995, p. 86). Tal questionamento pode amenizar as desigualdades e permitir que as diferenças existentes entre meninas e meninos sejam reconhecidas como agregadoras.

1) Construção dos sentidos e olhares da Professora-pesquisadora

Pensar no desafio da professora-pesquisadora interessada em conhecer o que as crianças contam sobre as representações de gênero, suas brincadeiras, são pistas que nos ajudam a ver e a discutir como elas veem e interpretam as diversas questões que nos cercam. O tempo na instituição de Educação Infantil é capaz de proporcionar fazeres, olhares e diálogos que se traduzem nas vivências, interações e marcas que as crianças deixam ao produzirem culturas (PIMENTA, 2017). Aprender a partir da experiência das crianças pressupõe uma investigação reflexiva, buscando construir múltiplos significados. Consiste em um processo de construção de registros caracterizados pela “qualidade da escuta”, o que requer “abertura e sensibilidade para conectar-se ao outro, para ouvi-lo” (OSTETTO, 2017, p. 25).

A experiência toma forma quando se torna um objeto de reflexão, e a docência se apropria dela para entender seus significados. Pensar o espaço da Educação Infantil como um “laboratório do pensamento reflexivo” (MORTARI, 2007) possibilita reconstruir a experiência na forma de uma descrição narrativa, colocar em foco os pensamentos teóricos, os julgamentos ajustados durante a experiência, as emoções vivenciadas e avaliar os resultados alcançados por meio das ações tomadas.

O desafio da construção do pensamento reflexivo, por meio do material registrado, permite manter a experiência em mente, é documentando a experiência que é possível obter dela o conhecimento experiencial. Documentar a própria prática permite intensificar a capacidade de comunicação, análise e detalhamento da observação, desenvolver a capacidade de questionar os processos educativos, colocar foco nas contradições e dar sentido às próprias experiências. (ibidem, 2007)

A documentação pedagógica pode ser entendida como uma forma de dar testemunho pedagógico da ação e investigação docente, possibilitando uma consciência profissional, que envolve dimensões culturais, sociais e históricas. Ela dignifica e torna respeitável o trabalho com as crianças, confere identidade e densidade cultural à escola e a quem a habita nela, é uma estratégia ética de dar voz às crianças e a seus processos cognitivos, aos valores de referência e revela a presença das crianças mesmo quando elas estão ausentes (MALAGUZZI, 2006, apud HOYUELOS, 2013).

2) Aguçar os sentidos para capturar as sutilezas das cenas de gênero

Neste contexto, a observação e a documentação pedagógica apontam para a potencialidade do coletivo infantil, das trocas entre as crianças, das criações por meio

das brincadeiras e descobertas, que possibilitam construir e produzir mudanças culturais, através de suas experiências, de como vão constituindo suas identidades. As imagens captadas por lentes atentas e interessadas possibilitam visualizar as ideias, teorias, e pensamentos das crianças meninas e meninos, comunicando experiências concretas. Um processo de tecer o trabalho docente explorando, analisando, interpretando e atribuindo sentido às cenas captadas junto às crianças. Esse processo criativo das crianças convoca a presença de uma professora que deseja estar junto, que respeita e valoriza sua potencialidade.

Esse processo relacional de co-construção da documentação pedagógica revela que meninas e meninos, atribuem diferentes sentidos para suas escolhas, constroem uma linguagem própria e criativa se desvinculando das regras pré definidas do uso dos objetos. As cenas registradas revelam o quanto as crianças, são criativas, subvertem as fronteiras de gênero, constroem inúmeras linguagens e narrativas corporais demonstrando formas variadas e originais de relacionamento (FINCO, 2013).

Nessa interação que aguça os sentidos e interconecta o mundo adulto e o mundo da infância tornando possível viver outros mundos, é possível captar as sutilezas de gênero que permeiam e penetram as experiências infantis, indicando como nos constituímos como sujeitos a partir dos pressupostos construídos por meio das relações de gênero. Uma vez que as crianças são interpeladas sobre as relações de gênero que se manifestam nas brincadeiras e na maneira como negociam os brinquedos e objetos. As crianças colocam em jogo o que experienciam, testam, negociam e constroem novos valores, produzindo cultura (CORSARO, 2003). Assim, a documentação pode possibilitar a constituição de um espaço de escuta, de respeito às suas especificidades, de valorização da cultura construída pela criança, nas suas diferenças, ouvindo-a, compreendendo-a, para garantir-lhe o direito de ser criança.

Aguçar os sentidos a partir de cenas captadas por uma lente que poeticamente se esforça para ler e ouvir as linguagens das crianças, exige um senso estético e ético. As lentes não captam despreziosamente, pelo contrário, buscam as sutilezas, tomando as ações as refinando, processo que exige dedicação e envolvimento, pois as imagens possibilitam o diálogo, as imagens revelam práticas pedagógicas intencionais. Desse modo, as cenas de gênero capturadas desejam provocar estranhamentos, questionamentos e motivar discussões que nos levem a perseguir a construção de

relações equânimes entre as crianças e as/os adultas/os em busca da constituição de uma cultura que eduque a não violência de gênero.

As cenas de gênero, apresentadas a seguir, apontam para a potencialidade do coletivo infantil, das trocas, das criações por meio das brincadeiras e descobertas, que possibilitam construir e produzir mudanças culturais, através de suas experiências. As cenas “O Botas da Dora”, “Esse tipo de boneco não dança balé!” e “A fantasia é de quem pegar primeiro” trazem as experiências das crianças diante de conflitos de gênero vivenciados nos momentos de brincadeiras, mostrando as ideias que elas possuem sobre diferentes questões que envolvem gênero, descrevendo os processos de negociação, questionamentos e construção de estratégias e argumentos pelas crianças. As documentações representam as relações entre as crianças a partir dos usos de objetos e brinquedos e suas falas apontam para o questionamento dos significados universais do feminino e do masculino, trazendo novas leituras e construções das normatividades, revelando o desejo das crianças brincarem livremente sem as amarras de gênero.

Cena: “O Botas da Dora”. Ao chegar no espaço Santiago observa os objetos, pega um boné cor de rosa que traz uma estampa de alguns personagens de desenho infantil, coloca-o na cabeça e em seguida pega uma bota preta de salto e bico fino. Sai andando como se procurasse algo, neste momento Amanda para em frente a ele e diz: “Este boné é esta bota é de menina.” Ele responde: “Não! Eu sou o Botas da Dora Aventureira”. Ela o observa por alguns instantes sua expressão indica que busca compreender a informação, vira e examina todo o contexto que o colega criou e diz: “Ah tá!” Ambos continuam sua busca por outros objetos.

Cena: “Esse tipo de boneco não dança balé!”. Esta cena envolve a organização da brincadeira feita por três meninas, Amanda, Juliana e Sophia. Elas estavam arrumando as bonecas para uma apresentação de balé, envolvidas na confecção de suas roupas utilizando diferentes materiais. Santiago, observava atento o empenho delas e demonstrava interesse em brincar. Percorre com os olhos o espaço e acha um boneco, se aproxima das meninas e coloca o boneco no centro junto com as bonecas. Juliana então fala: “Esse tipo de boneco não dança balé”. Ele examina o boneco buscando entender, ao que ela completa “Olha como ele é forte”. Santiago responde: “Ele consegue segurar elas no colo”. Ela balança a cabeça positivamente e o grupo continua a brincadeira..

Cena 3 “A fantasia é de quem pegar primeiro”. Amanda vai até a arara e pega uma fantasia de super-homem, dentre as várias fantasias disponíveis. Coloca sem

dificuldade, mas ao se observar no espelho nota que a capa ficou para frente, coloca para trás e pede ajuda para Santiago para fechar o zíper. Ele se nega dizendo “Esta fantasia é de menino”. Ela demonstra que ficou chateada com a objeção e com as mãos na cintura responde: “A fantasia é de quem pegar primeiro.” Santiago sacode os ombros para cima, e contrariado pega a fantasia de palhaço.

As cenas revelam imagens positivas e interativas da infância, de crianças competentes, com saberes, desejos e que buscam alcançar seus objetivos. Evocam surpresas e admiração, nos permite compreender como constroem suas experiências colocando em jogo as suas vivências envolvendo normatividades de gênero. A possibilidade da escuta atenta ajuda a aproximar das lógicas das crianças e a compreender como elaboram questionamentos entrecruzando suas experiências de vida, suas capacidades imaginativas, constroem justificativas e desenvolvem críticas para poder protagonizar diferentes formas de ser, colocando em xeque as formas de delimitar e segmentar quais espaços seus corpos podem ou não ocupar.

Possibilita pensar num trabalho pedagógico flexível, diante da curiosidade, do interesse e do envolvimento das crianças. Também cria condições para elas e eles conhecerem, descobrirem e darem novos significados para as suas experiências, sentimentos, valorizando suas ideias e culturas, possibilitando a construção de valores fundamentais para contribuir para uma Educação Infantil que reconheça as crianças como sujeitos históricos, culturais e sociais, cujas existências são marcadas por diferentes modos de ser e criar.

Os resultados apontam para as formas de viver a infância na Educação Infantil, ancoradas em um planejamento que enxerga a criança como possuidora de muitas potencialidades e co-constutora de conhecimentos e identidades. Assim, podemos compreender a potencialidade da documentação pedagógica, pois ela nos traz também os princípios de uma prática democrática: compartilhar a documentação significa participar de um verdadeiro ato de democracia, dando suporte à cultura e à visibilidade da infância, resultando num intercâmbio e visibilidade dos conhecimentos (MOSS, 2009). Por fim, destacamos que a possibilidade de socializar os saberes sobre a construção de gênero das crianças pode ajudar a retirar da invisibilidade o debate de gênero nesta etapa da educação e a favorecer a construção do planejamento pedagógico que busca eliminar as diferentes formas de preconceito e discriminação na infância, que

possibilita a participação e o acesso à diferentes bens materiais e simbólicos e a liberdade de experimentação lúdica.

REFERÊNCIAS

- CORSARO, Willian Arnold. *Le culture dei bambini*. Bologna: Il Mulino, 2003.
- DAHLBERG, Gunilla.; MOSS, Peter; PENCE, Alan. **Qualidade na educação da primeira infância: perspectivas pós-modernas**. Tradução de Magda França Lopes. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- FINCO, Daniela. Encontro com as diferenças na educação infantil: meninos e meninas nas fronteiras de gênero. *Leitura: Teoria & Prática*, Campinas, v. 31, n. 61, p. 169-184, 2013.
- FINCO, Daniela. O que nos ensinam meninas e meninos quando escapam das fronteiras de gênero?. In: Claudia Vianna e Marília Carvalho. (Orgs.). *Gênero e Educação: 20 anos construindo conhecimento*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020, v. 01, p. 147-162.
- FONTAINE; Anne-Marie. *L'osservazione al nido*: guide per educatori e professionisti della prima infanzia. Verona: Erickson, 2017.
- HOYUELOS, Alfredo. **La estética en el pensamiento y obra pedagógica de Loris Malaguzzi**. Temas de in-fan-cia educar de 0 a 6 años. Octaedro - Rosa Sensat. 2ª edición 2013
- MORTARI, Luigina. *Apprendere dall'esperienza: il pensare riflessivo nella formazione*. Roma: Carocci Editore, 2007.
- MOSS, Peter. Introduzindo a política na creche: a educação infantil como prática democrática. *Psicologia USP*, v. 20, n.3, p. 417-436, 2009.
- OSTETTO, Luciana Esmeralda. No tecido da documentação, memória, identidade e beleza. In: OSTETTO, Luciana Esmeralda. (org.) *Registros na educação infantil: pesquisa e prática pedagógica*. Campinas: Papyrus, 2017. p. 19-54.
- PIMENTA, Daniele Duarte. . *O desenho de meninas e meninos na educação infantil: um estudo sobre relações de gênero na infância*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de São Paulo, 2017.
- SCOTT, Joan Wallach. (1995). **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v.20, n. 2, p.71-99.